

na paz que era o seu corpo suave e imóvel. Foi um momento de paz perfeita essa penetração em corpo de mulher.

Constance permaneceu sempre imóvel, numa espécie de sono, sempre numa espécie de sono. Atividade, orgasmo só da parte dele; ela não fazia nada por si mesma. O aperto dos seus braços em torno dela, o vivo movimento do seu corpo, o jacto de sêmen dentro dela, tudo não passou para Constance duma espécie de sono, do qual só começou a sair quando ele acabou e imobilizou-se sobre a sua carne.

Constance então espantou-se e vagamente interrogou-se por que motivo era aquilo necessário. Por que razão aquilo lhe tirara um grande peso e lhe dera paz? É então assim?

Seu espírito atormentado de mulher moderna não se acalmava. Era verdade, então? Sabia que dar-se àquele homem era a verdade; mas que se contivesse a si mesma, não era verdade, não era nada. Constance sentia-se velha de milhares de anos. Não podia suportar o peso de si mesma. Ele que a tomasse.

O homem continuou deitado, em misteriosa imobilidade. Que experimentava? Em que pensava? Impossível saber. Era um estranho; não o conhecia. Não podia senão esperar, pois que não ousava perturbar a sua misteriosa imobilidade. E ali estava ele, com os braços em redor do seu corpo; ali estava aquele corpo sobre a sua carne úmida, tão próximo. E completamente desconhecido. E, no entanto, calmante. Sua imobilidade era calmante.

Constance compreendeu tudo isso quando ele despertou e saiu de cima dela. Foi como se a houvesse abandonado. Depois de recobrir-lhe as pernas com as saias, o homem ficou um instante de pé, abotoando-se. Abriu tranqüilamente a porta e saiu.

Ao abrir da porta os olhos de Constance viram a lua a brilhar por cima das carvalheiras. Ergueu-se rápida e se recompôs. Saiu da cabana. Sombras na terra, mas um céu de cristal. Claridade mínima. Mellors, emergindo da sombra, aproximou-se-lhe.

— Quer ir? indagou.

— Para onde?

— Eu a acompanharei até o portão do castelo.

Ele arranjava as coisas a seu modo. Fechou a porta e seguiu-a.

— Não está arrependida? perguntou em caminho.

— Não, não. E você?

— Arreponder-me disto? Oh! Nunca.

E depois duma pausa:

— Mas há o resto...

— Que resto?

— Sir Clifford. Os outros. Complicações.

— Que complicações? interpelou Constance, levemente desapontada.

— É sempre assim. Tanto para a senhora como para mim. Há sempre complicações.

Mellors caminhava na sombra com passos firmes.

— Está arrependido? perguntou ela.

— De certo modo, respondeu o guarda, pondo os olhos no céu. Eu julgava já estar livre de todas estas coisas. Agora recomecei...

— Recomeçou o quê?

— A vida.

— A vida! repetiu Constance como um eco.

— É a vida, disse ele. Não há meios de a evitar. E evitar a vida significa morrer.

Constance não via as coisas assim. Entretanto...

— É o amor! disse com alegria.

— Seja lá o que for, concluiu Mellors.

Caminharam em silêncio para a floresta toda sombras até ao portão do parque.

— Não, não, respondeu o guarda, e subitamente apertou-a nos braços com a velha paixão que une os seres. Não; para mim foi bom, foi bom. É para você?

— Para mim também, respondeu Constance, sem grande sinceridade porque não havia sentido grande coisa.

Mellors abraçou-a de novo, com calor, dizendo:

— Se não houvesse tantos "outros" no mundo...

Ela riu-se. Pararam no portão, que foi aberto.

— Vou deixá-la aqui, disse ele.